

SPLENDIDISSIMAE



BOBADELA ROMANA
A 2000 ANOS



arque@hoje
MUSEU HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BOBADELA

BOBADELA ROMANA
SPLINDIDISSIMA CIVITAS
A ESPLÊNDIDA CIDADE
ROMAN BOBADELA Edição: C. Cavadas
Foto: Miguel Silva
SPLINDIDISSIMA CIVITAS
A MOST SPLENDID CITY

CIVITATI

Publicação 2019

BOBADELA ROMANA
SPLINDIDISSIMA CIVITAS
A ESPLÊNDIDA CIDADE
ROMAN BOBADELA
SPLINDIDISSIMA CIVITAS
A MOST SPLENDID CITY

“Por qualquer quintal,
por qualquer alpendre,
encontram-se fustes
e fustes de colunas,
bases de colunas,
e o observador, passado
algum tempo, começa
a sentir impaciência por
querer ver alguma coisa
mais que estroços
de colunatas...”

Francisco Martins Barreira (1991)

II

O REGISTO ARQUEOLÓGICO DESSA MEMÓRIA THE ARCHAEOLOGICAL RECORD OF THIS MEMORY

A partir dos anos 80 do s. XX a Bobadela romana foi objeto de investigação. As escavações arqueológicas dirigidas no local, primeiro por Clara Pereira e, depois, por Helena Trade, contribuíram em muito para dar a conhecer a sua grandeza grandiosa. Descobriu-se e marcou-se o anfiteatro. Sondou-se e impregnou-se a área do fórum. Colheu-se também a descoberto parte de um vasto mosaico do centro da cidade romana. Reuniram-se informações e elaborou-se visões. Tudo e cada, dedicação e empenho de Helena Trade e Clara Pereira, acompanhadas por muitos naturais de Bobadela que participaram nas escavações, fizeram assim marcadamente associadas à Bobadela romana.

António Maia do Amaral contribuiu também para o estudo da Bobadela romana. A Jorge de Alarcão deve-se a melhor síntese histórica.

The archaeological excavations of the Roman site of Bobadela began in the 1980s, under the direction of Clara Pereira, followed by Helena Trade. They were instrumental in the making of Bobadela's glorious past. They discovered and excavated the amphitheatre, conducted a survey of the area of the forum, and uncovered parts of a building complex dating in the early days of the roman city. They gathered a significant amount of data and information. Their knowledge and commitment, with the support of local people, many of whom took part in the excavations, are thus closely associated to the Roman site of Bobadela.

António Maia do Amaral has also made contributions to the study of Roman Bobadela. Jorge de Alarcão produced the best historical overview of Roman Bobadela.

Uma grande cabeça em pedra foi encontrada no s. XIX, não muito longe do espaço do fórum. Originalmente fazia parte de uma enorme estátua que se ergueu na praça do fórum. Representava um imperador. O zigagata que a pedra em calcário apresenta não permite distinguir bem as suas feições. Poderia representar o imperador Tibério (14-37 d.C.), que sucedeu a Augusto, e que inaugurou o culto imperial. Mas também poderia corresponder ao imperador Domitiano (81-96 d.C.) e a uma época posterior à que assistámos à reconstrução do fórum de Bobadela.

A large stone head was found in the 19th century not far from the site of the forum. It originally belonged to a colossal statue thought to have stood in the forum square. It was the statue of an emperor, but the limestone is too damaged to allow an identification of its features. It could be Emperor Tiberius (AD 14-37), who succeeded Augustus and established the imperial cult, but it could also be a statue of Domitian (AD 81-96), in which case it dates from when the forum is thought to have been rebuilt.

© Luis Filipe Gomes

I

DESDE SEMPRE NA MEMÓRIA DE UM POVO A MEMORY THAT HAS NEVER DIED

A Memória de um Povo nunca se apaga. Encontra-se nos restos de construções que possuem um espaço carregado de Memória. Reproduz-se, graças após geração, nos olhos interpretados dos Homens e Mulheres que aqui nasceram e viveram. Gravou-se na pedra, registou-se por escrito, para sempre.

Em 1699, Brás Garcia de Mascarenhas, um ilustre Homem deste concelho, escreveu: a aldeia de Bobadela foi "... grande, bela e muy nobre Cidade...". Resumiu-o, como em 1849 escreveu José Barbosa Castello-Beauro, as inscrições que testemunham "fustes em honra dos deuses, monumentos de homenagem a cidadãos e a pátria". Mas também se revela, segundo António Luís de Sousa Henriques Soares (1953), a cabeça de estatuária "Bobadela em grande desenvolvimento (...) hincas de neve, são insuperáveis como fustes (...) que deveria pertencer a um corpo de cerca de 20 palmos"; e, sobretudo, as colunatas e o Arco, "... porta de algum edifício grandioso".

Outros autores, incluindo os romanos locais (como sejam Adolfo de Almeida, Yrapiáris Hall, Francisco Correia das Neves, Francisco Antunes e João Illiano), registaram de forma imprecisa o que lhes revelou a admirável Bobadela romana.

The memory of a people cannot be erased, it persists in the building ruins of this memory-laden site and in the attitudes recurrently reproduced, generative after generations, by the men and women who lived and died here. It is engrained in stone and recorded in writing for eternity.

In the words of Brás Garcia de Mascarenhas, an illustrious man of this municipality (1699), the village of Bobadela was "... a big, beautiful and nobly known City...". In 1849 José Barbosa Castello-Beauro reached the same conclusion, based on inscriptions that testify to the "testimony in honour of the gods, of the city and of its people". In the same line of thought, António Luís de Sousa Henriques Soares (1953), draws attention to a statuarial "ruined in an unknown type of granite (...), which is as white as snow and as clear as paper (...), and which probably belonged to a statue about 20 palms high", and more of all, to the colonnades and the Arch, "... the likely gateway to a magnificent building".

Other authors, such as Adolfo de Almeida, Yrapiáris Hall, Francisco Correia das Neves, Francisco Antunes and João Illiano, have left their own detailed descriptions of this remarkable Roman city of Bobadela.





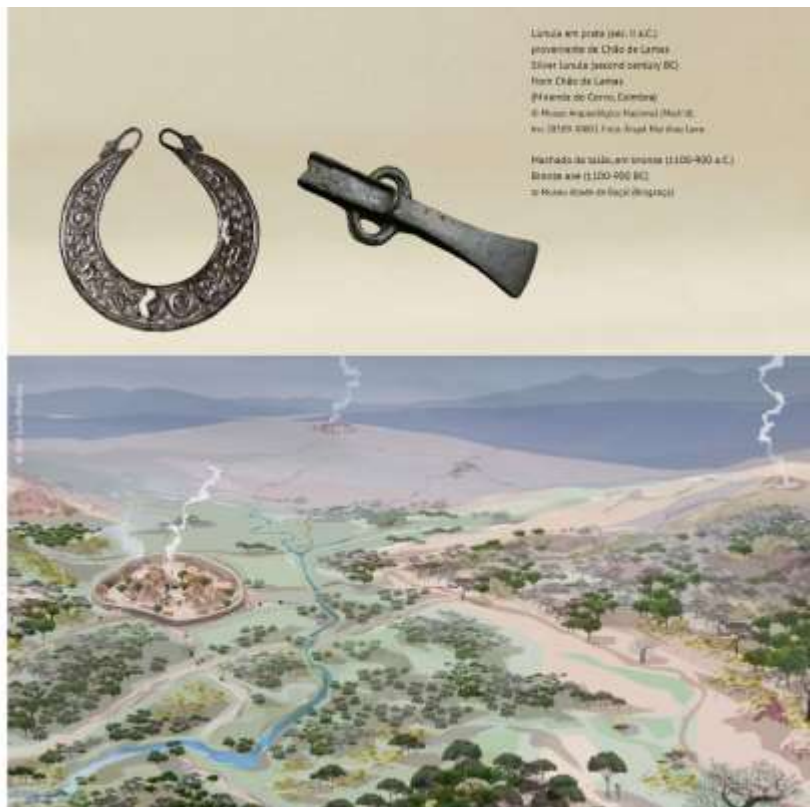
Ata de Grade
© Arqueologia

IV

**A PRÓTO-HISTÓRIA
O TEMPO DOS SENHORES DOS MONTES
PROTOMODERNITY
THE AGE OF THE MOUNTAIN LORDS**

A área da freguesia de Bobadela também sofreu uma ocupação na Proto-história. Por volta do ano 1000 a.C., foram habitadas duas cabeças abstrusas à atual aldeia: a Outeira de São Sebastião e o Monte do Vale de Loureiro. Nestes lugares ergueram-se muralhas feitas à inspiração dos tempos. Nos séculos seguintes, no tempo dos "Lusitanos", até à chegada dos Romanos, ambas as povoações poderiam ser continuadas a ser habitadas. Mas só vale a com plena certeza, numa suave elevação junto ao rio de Casado (na orla com maior caudal que nos dias de hoje), suas contradições da Idade do Ferro também usaram um lugar do suestem. E será precisamente nesse lugar que a Bobadela romana viria a ser fundada. A futura cidade, pertença do Império, não se ergueu num espaço até então inabitado e sem muralhas.

The area of the small parish of Bobadela was also occupied throughout the proto-historic period. Two hills overlooking the present village were inhabited around the year 1000 BC: Outeira de São Sebastião and Monte do Vale de Loureiro. The walls built in the hills testify to the forticity of these times. In the following centuries – in the days of the "Lusitanians" – and until the arrival of the Romans, both settlements may have continued to be inhabited. But these Iron Age communities also settled in the valley and in the floodplain, on a gentle slope close to the river Casado (with a greater flow in those days). And it was precisely here that the Roman city of Bobadela – a city of the Roman Empire – was founded on a site that already had a history.



Linha em prata (séc. II a.C.)
proveniente de Cabe de Lamea
Silver torc (second century BC)
from Cabe de Lamea
(Museu do Castelo de Lamea)
© Museu Nacional de Arqueologia (MNA) -
Lisboa (2019-2021). Foto: Inês Mota Lopes

Machado de talão em bronze (1100-900 a.C.)
Bronze axe (1100-900 BC)
© Museu do Vale do Gujo (Bragança)

A ÉPOCA ROMANA
O TEMPO DO IMPÉRIO ROMANO
THE ROMAN AGE
BECOMING PART OF THE ROMAN EMPIRE

A Hispânia demora 200 anos a ser conquistada na realidade. No final do séc. 1 a.C., Roma impõe aqui definitivamente o seu domínio pela força profusa de um exército organizado.

Há cerca de 2.000 anos o atual concelho de Oliveira do Hospital passa a integrar o grande Império Romano. Centrado em torno do Mar Mediterrâneo (Mare Nostrum - "o nosso mar", o mar dos Romanos) e com capital em Roma, there was a wide, unimpeded circulation of people, ideas, technology and goods throughout this immense territory.

Esta integração no espaço comum do Império acarretou uma conjuntura de profundas transformações, observável sobretudo a partir do reinado do primeiro imperador romano - Augusto (27 a.C. - 14 d.C.). Uma mesma língua, uma moeda única, produtos que se comercializam a grandes distâncias, territórios que se dividem, cidades que surgem a modos de construídas que se generalizam, leis e formas de governo que se replicam, deuses e práticas religiosas que se partilham - são estas algumas das novidades que dão corpo a uma nova mentalidade e à globalidade de então.

The Roman conquest of Hispânia took 200 years. With its strong and disciplined army, by the end of the first century BC the whole of Hispânia had been brought under Roman rule.

Around 2000 years ago, the present municipality of Oliveira do Hospital became part of the big Roman Empire. Centred on the Mediterranean Sea (mare nostrum - "our sea", the Roman sea), with its capital in Rome, there was a wide, unimpeded circulation of people, ideas, technology and goods throughout this immense territory.

This full integration into the common area of the Empire brought about deep social changes, especially from the reign of Augustus, the first Roman emperor (27 BC - AD 14), onward. One language, one currency, goods bought and sold over large distances, new boundaries, new cities and widespread building practices, laws and forms of government that are replicated, shared gods and religious practices - these are some of the new features that embody this new globalized world.



© Rui Pedro Lamy

O primeiro testemunho no concelho de Oliveira do Hospital que anuncia esse tempo novo será um tesouro com cerca de 200 moedas em prata identicas, detidas na época de Mito Cleo (década de 40 a.C.), que terá aparecido próximo de Henaga.

A hoard of 200 silver coins (aurei) dating from the time of Julius Caesar (in the 40s BC) - found in the vicinity of Henaga - is the first evidence of this new era.

O Império Romano no século I d.C.
The Roman Empire in the 1st century AD
© 2004 Luis Madroal



© Tribuna da Romagem, Sptw@olhos.com



Também discutem-se o nome da cidade - o qual poderia não derivar do nome da sua capital, Serra e cidade de Tago? Algumas hipóteses têm sido avançadas, mas qualquer uma é muito questionável, sendo necessário novo trabalho que o esclareça.

Spain's unknown is the name of the civitas, which did not necessarily have to derive from the name of the capital. Could it have been the civitas of the Tagus? Several suggestions have been put forward, but they are highly debatable and require further evidence.



Inscripción a Júpiter Escudat
An inscription to Jupiter (Escudat)
Escudat/Ojete/Alto de Naves
© Iñaki Nieto Larraya

Inscripción a Victoria (Póvoa de Midões, Tábua)
An inscription to Victoria (Póvoa de Midões, Tábua)
© Iñaki Nieto Larraya



Inscripción a Neptuna (Belasida)
An inscription to Neptuna (Belasida)
© Iñaki Nieto Larraya

OS DEUSES THE GODS

Os deuses romanos também povoavam esta cidade. Os seus nomes encontram-se em dedicatórias gravadas na pedra. Originalmente variou-se em encontrar-nos no espaço público, entre as colónias do fórum ou das termas, como no caso de cada (a) Sabarra que em Belasida terá sido por volta do ano de 100 d.C. e a família imperial, a Júpiter, deus máximo do panteão romano, mas também a Neptuno, a Vitória e ao Génio do Município. Os deuses de Roma passaram a pautar e orientar a vida de todos os atos públicos e privados dos romanos desta cidade. Mas as divindades indígenas também não estavam ausentes. O nome de deusa *Arenaria* parece surgir por volta da mesma época de longa duração, revelando assim que alguns deuses pré-romanos continuaram a ser nomeada cidade ou seus devotos — a tolerância religiosa, a convivência entre distintas tradições religiosas, constitui um dos marcos deste tempo.

Roman gods were also part of the city — their names can be found in dedications inscribed in stone, which would have been placed in public areas, such as the forum colonnade or the baths, and in people's houses. We know of the cult of the emperor and of the imperial family, as well as of Jupiter, the king of the gods in the Roman pantheon, Neptune, Victory and the Genius of the municipality. Roman gods set the pace of everyday life, of all the public and private actions of the townspeople. On the other hand, local deities were not forgotten. An inscription on a fragment of domestic ware suggests the name of the god *Arenaria*, which shows that some pre-Roman gods kept their followers. Religious tolerance and the peaceful coexistence between different religious traditions is a characteristic of the times.



Arco de pedra romana, de acceso ao fórum.
The arch of roman stone, doorway to the forum.
© Luis Filipe Gomes

O FORUM THE FORUM

Em ambas as reconstruções o espaço onde o edifício do templo romano se erguia parece ter sido posteriormente ocupado por edifícios religiosos cristãos: as antigas capelas (atualmente desapaçadas de St. Círculo e de S. Bento (Igreja Velha)). Talvez os edifícios romanos tenham sido adaptados a igreja em época medieval. Os espaços religiosos mantiveram-se assim como lugares sagrados ao longo de quase dois milénios.



Proposta de reconstrução do primeiro fórum (época de Augusto), a partir de proposta de Helena Foaia.
 Rendering of the first forum (Augustan era), as proposed by Helena Foaia.
 © I. Madela

Both renderings suggest that the area previously occupied by the Roman temple was later replaced by Christian temples: the now long gone St. Clare and St. Benedict churches (or Old Church). The Roman buildings may have been converted into churches in the Middle Ages, in which case these religious spaces would have mirrored places of worship for nearly two millennia.



Reconstrução hipotética do segundo fórum (época Flávica), segundo F. C. Carvalho, R. Silva e I. L. Madela.
 Hypothetical rendering of the second forum (Flavian age), by F.C. Carvalho, R. Silva e I. L. Madela.
 © I. L. Madela

XIV

O EDIFÍCIO
 THE BUILDING

Um muro alto (podium) rodeia a arena do anfiteatro. Condições talvez abedades permitiriam o acesso ao seu interior. Compartimentos azules descrevem-se a assentos ou gladiadores e os animais. As bancadas (arena) seriam em madeira, a serem talvez os rochos desbastada para o efeito como um volume azedo colocado em ductive. Este edifício adaptou-se à topografia e encastou-se no vale.

O anfiteatro terá sido construído nos finais do séc. I d.C., no tempo dos imperadores Flávios (69-96 d.C.), no reinado do imperador Trajano (98-117). A sua construção foi parte do amplo programa de obras públicas decorrentes da promoção municipal da cidade. O anfiteatro terá deixado de ser utilizado após de ser destruído por um incêndio, nos finais do séc. IV.

Habitualmente relaciona-se o abandono deste edifício com a difusão do Cristianismo. Mas a frequência dos combates nos anfiteatros tende a diminuir a partir do séc. III perante o enfraquecimento da estrutura administrativa do Império e dos elites locais que deixam de financiar um tipo de espetáculo dispendioso.

A high wall (podium) encircled the arena. The entrance was made through passageways, which possibly were vaulted. There were seats to accommodate the gladiators and the animals. The seating benches (arena) presumably in wood, were either laid on stone previously cut for that purpose or on a solid packed earth slope. The building adapted to the topography and fitted into the valley.

The amphitheatre was possibly built at the end of the first century AD, during the rule of the Flavian dynasty (AD 69-96), or even later, during Trajan's reign (98-117), as part of the wide public works programme implemented after the promotion of the city to municipal status. It was no longer in use when it burned down, at the end of the fourth century.

The neglect of this kind of buildings is usually associated with the rise of Christianity. However, gladiatorial fights tend to decline from the beginning of the third century, as the growing weakness of the Empire's administrative structure became more evident and the local elites were no longer willing to invest large sums of money in such spectacles.



Proposta de reconstrução 3D
 A 3D rendering of the amphitheatre
 © André Carlos Capelato e Sérgio Lopes



Imagem aérea do anfiteatro
 Aerial view of the amphitheatre
 © Sérgio e Inês Pereira Rodrigues

Proposta de reconstrução
 A rendering of the amphitheatre
 © Inês Lúcia Madela

OS COMBATES
THE FIGHTS

Uma cidade romana também tinha arenas públicas de espetáculos. Em Bobadela encontra-se um: o anfiteatro. Nas arenas dos anfiteatros tinham lugar os tão famosos combates de gladiadores (*munera gladiatorum*), ou também as capadas de animais exóticos (*munera venatorum*) ou as que se referiam a animais selvagens. Esses espetáculos eram geralmente patrocinados pelos indivíduos mais ilustres da cidade apartando do exercício de cargos públicos.

A arena combatia assistia a generalidade da população da cidade e dos campos em redor, rivalizando com as luas temporárias entre homens, o entre homens e feras. As bancadas do anfiteatro de Bobadela tinham capacidade para receber cerca de 800 espectadores. Apoiado de ferro, aguentou dois anos mais consecutivos, talvez superando cerca de 1000 pessoas. O acesso era quase sempre gratuito e os assentos em redor da arena estavam cuidadosamente separados, reservando-se os filas da frente para as famílias mais importantes da Bobadela romana.



A Roman city always had public spaces of entertainment and Bobadela is no exception: it has an amphitheatre. The arenas of amphitheatres were venues for the well known gladiatorial combats (*munera gladiatorum*), but there were other kinds of spectacle, such as exotic animal slayings (*venationes*) and the execution of criminals by throwing them to wild animals. These shows were usually sponsored by the most illustrious citizens while holding public office.

The majority of the population in the city and in the surrounding region watched these fights, rivaling in the bloody combats between man or between man and beasts. The Bobadela amphitheatre held some 800 spectators, but it may have reached a thousand people for the most popular combats. Access must have been free on most occasions, but the seating around the arena was strictly separated, its front rows reserved for the most important families of the city.

Luta de gladiadores representada numa placa de mármore (Roma do séc. I d.C.)
Mosaic depicting a gladiatorial combat (late 1st century BC)
Museo Nazionale Romano, Roma
© Istituto Centrale per il Restauro



Capacete em bronze de gladiador / marmão (séc. I d.C.)
Bronze gladiator's helmet / marmão (1st century AD)
British Museum, London
© The Trustees of the British Museum

Placa de um monumento funerário representando gladiadores (séc. I d.C.)
Plaque from a funerary monument depicting gladiators (1st century AD)
Museo Nazionale Romano, Roma
© Istituto Centrale per il Restauro



Cena de caça (mosaico) e animais selvagens representada num mosaico (séc. IV d.C.)
Mosaic depicting a wild beast hunt (4th century AD)
Gallerie Borghese, Roma
© Soprintendenza Regionale Musei

E DEPOIS
DA Queda
DO IMPÉRIO
AFTER THE FALL
OF THE
ROMAN EMPIRE

A PARÓQUIA SUEVA
THE SUEVIC PARISH

Bobadela não terá perdido o estatuto de lugar central com a queda do Império Romano. É provável que tenha deixado de reflectir o brilho da cultura *quadruliviana civitas*. Mas não perdeu todo a sua importância. No séc. V-VI terá sido sede de paróquia sueva. Perdeu então o nome da cidade romana, desamborçando-se o nome pelo qual passou a ser conhecida. Será a *cidade Suevorum*? Ou seria a de *Soberbo* ou de *Sobremonte*, também referidas num documento desta época? Não obstante esta dúvida, parece poder ser dada como certa a pertença da paróquia de Bobadela à diocese Sueva de Viana.

The fall of the Roman Empire would not have caused Bobadela to lose its important status. It probably lost some of the gloss of its days as *quadruliviana civitas*, but not all its importance. It is thought to have been the seat of the Suevic parish, by which time its Roman name was lost. The name it then acquired is unknown. Could it be *colonia Sueborum*? Or perhaps *Soberbo*, or *Sobremonte*, both of which are mentioned in a contemporary document? This notwithstanding, it seems quite certain that the parish of Bobadela belonged to the Suevic diocese of Viana.



Urra litúrgica Hispano-visigótica (séc. VI) talvez destinada a receber o vinho sagrado na Eucaristia, com a inscrição: *Speroxi Anlesylo lexi Chrixi ou Slexte Elexylo...*

Hispano-Visigoth liturgical ewer (7th century) possibly intended to hold the sacramental wine during the Eucharist, inscribed: *Speroxi Anlesylo lexi Chrixi ou Slexte Elexylo...*



© Sarrás e Gal, 1995

4. Líbero Páris
Lívio Páris
© K&L/S&P

5. Giuseppe (Gris)
Giuseppe (Gris)
© K&L/S&P

6. Páris
Páris
© K&L/S&P

organizer of the games and the institutions, thus making the admission to these shows free for most spectators.

4. OS AMPITEATROS E A SOCIEDADE ROMANA

Na Roma Antiga, assim era inicial, os anfiteatros não eram livres para todos. Na sociedade romana não considerada, e joia de figura da cultura e Roma como Cívica (It. T.C.) e Sérvia (It. T.C.), os anfiteatros eram lugares eram considerados demonstrações empalmeis, pontos importantes em um sistema mais tradicional de cultura romana. Não obstante, assim como a maioria da população do Império apreciava esses espetáculos, o facto de os anfiteatros serem a ser construídos ao longo do sé. I d.C., um pouco por toda a província do Império, continuando um dos principais edifícios públicos das cidades romanas, mostra bem essa preferência.

4. AMPITHEATRES AND ROMAN SOCIETY

Initially, amphitheatres were not particularly well received by all. Gladiatorial combat was seen as too bloody, not in line with the more traditional values of Roman culture. In the more conservative sections of Roman society, and notably by such Christians and former people as Cícero (1st century AD) and Séneca (1st century AD). But in spite of these critical opinions, most people must have enjoyed these shows. The very fact that throughout the first century

AD amphitheatres were being built all over the province of the Empire and were among the main public buildings in Roman cities seems to prove this preference.

5. A CONSTRUÇÃO DOS AMPITEATROS

Muitos anfiteatros foram construídos para receber algumas dezenas de milhares de pessoas. As galerias tinham abóbodadas (tombadas) e os lugares tinham fileiras (centrais) permitiam o acesso a uma ampla gama de espectadores (como a maioria hoje nos estádios de futebol). Os anfiteatros eram em anfiteatro por serem diferentes em função do local onde se foram feitos. Isso também permitia que se conseguisse mais importantes de uma cidade nunca se construíam com o povo. Os lugares em redor do anfiteatro também reparados por ruínas, mostrando-se as fileiras da frente (para a frente) para os corredores laterais - seria uma forma de não aumentar a sua condição social privilegiada.

A construção de um anfiteatro era feita em um anfiteatro, mas as galerias (tombadas) e os lugares (centrais) permitiam o acesso a uma ampla gama de espectadores (como a maioria hoje nos estádios de futebol). Os anfiteatros eram em anfiteatro por serem diferentes em função do local onde se foram feitos. Isso também permitia que se conseguisse mais importantes de uma cidade nunca se construíam com o povo. Os lugares em redor do anfiteatro também reparados por ruínas, mostrando-se as fileiras da frente (para a frente) para os corredores laterais - seria uma forma de não aumentar a sua condição social privilegiada.



comos gálicas, sobretudo as heróicas. Em muitos anfiteatros não são identificações latinas - os espectadores utilizavam as cadeiras e corredores para serem. As fileiras dos anfiteatros de maiores dimensões estavam horizontalmente divididas em 3 níveis (uma, média e terceira zona). Os anfiteatros mais elaborados tinham ainda uma cobertura superior para regular o nível de luz e calor - uma cobertura consistia num grande telhado em leito (coluna) inferior) muito simples e facilmente frizado ao longo da zona por um sistema de cordas. Outros anfiteatros tinham ainda um sistema interno de tubagem, em redor do anel da arena, que permitia vaporização de água perfumada (spray) para amenizar o calor entre os espectadores e a forte odor produzido pelos animais e pela multidão.

5. BUILDING AMPITHEATRES

A large number of amphitheatres were designed to hold many thousands of people. The vaulted interior galleries (tombadas) and the wide stairways (centrais) provided easy access and exit for spectators (as nowadays in football stadiums). The spectators used several entrances, according to where they were sitting. The way the city's more important people would never cross paths with the masses. A wall separated the seats around the arena, while the front area (para a frente) was reserved for the local elite, thus showing their privileged status.

The structural frame of an amphitheatre was in masonry,

but the seats (rows) could be in wood. The curtain wall that surrounded the arena could also be lined with wood. Underground a complex set of cells and passageways (logos) led to passages that opened into the arena, so that as any given moment even and fumes would escape from the arena itself for the fight. The walls of the amphitheatres, especially those in the interior, would often have brightly coloured decorations. Many buildings appear not to have had tiering; the spectators would probably arrive in the lower amphitheatres were divided into three horizontal sections - the *ima*, *media* and *summa* *cavea*. The most elaborate amphitheatres also had a reasonable cover to shield spectators from the sun and heat - an angle of very sturdy lines that was firmly attached to the top of the arena by a rope system. Some amphitheatres had an internal pipe system around the arena wall to spray scented water (spray) over the spectators to refresh them and to mitigate the strong smells of animals and people.

6. A ORIGEM DAS CONDIÇÕES DE GLADIADORES

A origem dos gladiadores pouco poder localizar-se no sudoeste da Península Itálica, mas sim a sul de Nápoles, onde se encontram as representações (pinturas em afrescos) mais antigas desses combates, datando do sé. IV a.C. Originalmente esse combate consistia por

7. Três cenas de combates ferozes representando gladiadores (sé. I d.C.).
Three scenes of bloody combats featuring gladiators (1st century AD).
© K&L/S&P

8. Luta de gladiadores representada em um afresco.
Mural depicting gladiatorial combat.
(Mural, Roma Antiqua, Itália).
© K&L/S&P



fora parte dos rituais funerários de indivíduos importantes. Eram organizadas como jogos em oferta pública em honra do defunto homenageado, podendo também adquirir um caráter. Este tipo de ritual funerário considerava-se particularmente a Roma. O primeiro espetáculo de gladiadores nesta cidade terá lugar no fórum, em 204 a.C., quando do funeral de um importante magistrado desse tempo. Muitos outros combates do género se seguiriam, incluindo frequentemente de disposições testamentárias. Nessa fase inicial esse jogo ferozes seriam lugar no fórum, o principal espaço público da cidade romana. No mais tarde, no sé. I a.C., é que se construíam os primeiros anfiteatros para os combates em locais designados somente gladiadores.

Roma's city. The first amphitheatres were built here, in the 1st century BC, to welcome the then designated master gladiators.

7. OS TIPOS DE GLADIADORES

Na origem dos combates estavam os gladiadores. Distinguiam-se entre si pelo equipamento e armamento (armamento) utilizado. Geralmente esse tipo de gladiadores representavam os povos conquistados pelos Romanos. Os "atrizes" (atrizes) lutavam com uma espada curta (gladius), um escudo pequeno arredondado (cuirass) e uma proteção no braço. Outros tinham uma espada curta (gladius), um escudo triangular arredondado (cuirass) e uma proteção no braço. Outros tinham uma espada curta (gladius), um escudo triangular arredondado (cuirass) e uma proteção no braço. Outros tinham uma espada curta (gladius), um escudo triangular arredondado (cuirass) e uma proteção no braço.

7. TYPES OF GLADIATORS

Gladiators fought in the arena of amphitheatres. Their fighting gear (armament) differentiated them. They usually represented the different peoples conquered by Rome.

The "Thracian" (thracian) fought with a short sword with a curved blade (gladius), a small, round and almost square shield (cuirass) and a helmet with nose and a feather. The "Murena" fought with a net, a trident, a metal shield guard (gladius) and a sword, a metal arm guard. The "Cossus", also in the style of the sword, wore a metal helmet and held a small sword (gladius), a large rectangular shield (cuirass or cuirass) and an arm guard. The combat between *murena* and *cossus* were to have been fairly common and important. Yet it wasn't a free-for-all; there were rules that had to be followed. And the referee (*princeps*) was there to make sure they were followed (there were even "colleges of referees").

8. QUEM ERAM OS GLADIADORES?

Alguns gladiadores eram escravos vendidos para esse combate. Outros seriam homens livres (latentes), mas que acabavam por atingir esse destino, considerados como gladiadores, para se libertarem da pobreza. Outros ainda seriam prisioneiros de guerra (captivos) ou criminosos condenados, obrigados como pena a serem gladiadores. Mas muitos parecem ter sido indivíduos voluntários, escolhidos por serem a reprodução (imitação) de um gladiador (gladius) - alguns eram mesmo descendentes de elite, visto serem parentes de consules, aderindo pelas multitudes. Os gladiadores de sucesso eram muito valorizados e celebrados.

ou "supremacia" na Roma Antiga, como se pode observar, por exemplo, em alguns grafos de Perugia. Os melhores combates pouco eram ao ar livre e os seus combates eram muito apreciados pela generalidade da população de uma cidade ou região. A partir do reinado de Nero saíram também mulheres gladiadoras. O Imperador Domitiano era mesmo promovido um *lanista* (combates entre mulheres e seres).

8. WHO WERE THE GLADIATORS?

Some gladiators were slaves trained for these fights, while others were free men (*latentes*) who found themselves out as gladiators out of poverty. Others were war prisoners (*captives*) or convicted criminals, condemned to become gladiators. But many seem to have been voluntary fighters, contracted by a doctor, a manager/businessman, or by an academy (*ludus*). Some became elite sportsmen, regarded as men of courage and acclaimed by the masses. Successful gladiators might even become real celebrities, or "superstars" in Ancient Rome, as can be seen, for example, in some graffiti in Perugia. The best among them would only fight a few times in the year, and their performances were eagerly anticipated by the population in the cities and in the surrounding countryside. From Nero's reign onwards, there were also women gladiators. Domitian is even believed to have staged an annual contest between women and slaves.

4. Luta de gladiadores representada em mosaico.
Museu: *musée gallo-romain* (Saint-Savin-sur-Gartempe, França).
7. século III (180 x 140 cm).

5. Mosaico: *Paulus*.
Roma (3.º século).
11. século III. 100 x 100 cm.



10. MONIES AND FINAL DAYS COMBATERS?

No século II, a grande maioria das lutas não representava uma morte de um dos gladiadores. Os combates tinham sobretudo uma natureza de clareza, força e resistência no manuseio das armas. O momento da morte do gladiador era marcado por um sinal – o *thor* (alguns *th* – no pelo sigla *P* (perit), morte).

O público que assistia aos combates podia intervir no seu desfecho. Também, o pelego para cima e para baixo não era criação moderna, do século XIX. É de algum modo um “mito cinematográfico”, difundido por Hollywood – ainda que nunca poder admitir-se que o pelego para baixo significasse precisamente o contrário, podia ser usado para o vencedor (queda e esmagamento da espada), e na horizontal simbolizava o degredo do vencido.

10. DEATH AT THE END OF THE FIGHTS?

In the first and second centuries, most fights would not end with the death of one of the gladiators. The combats were viewed as a show of strength, endurance and skill.

at times. *Striking a corner gladiator* represented a large investment, accordingly, they tended to be spared (unless even if they lost). In time, however, especially in the 3rd and 4th centuries, the fight to the death (*ad mortem*, “to death”) became more frequent. In Roman iconographical representation, the dead gladiator is marked with the *thor* (some *th* sign as with *P* (perit)).

The public watching the fights could have a say in their outcome, but the *thor* (up and *thor* (down)) is believed to be a 19th century invention. It is a widely diffused “Hollywood myth”, although it is possible that the *thor* (down) meant precisely the opposite – suggesting demerit for the vanquished gladiator (with the meaning of dropping the sword), while the horizontal *thor* would mean death.

10. POLITICS AND RELIGION IN THE GAMES OF ANCIENT ROME

Os jogos em Roma e no Império Romano eram um ritual social. Eram também uma oportunidade política – os magistrados de uma cidade usavam essas oportunidades através a toda a população, procurando assim ganhar a simpatia dos seus cidadãos. Os jogos eram, portanto, um importante meio de propaganda política (“jogos” *perit* e *thor*) utilizado por magistrados e pelo próprio imperador para ganhar a simpatia da população. Podiam ainda organizar-se em honra do imperador, para celebrar uma

victória militar ou a inauguração de um monumento público.

Ma os jogos, e os combates de gladiadores em particular, tinham ainda um forte caráter religioso, uma vez que se discutiam a ganhar o favor dos deuses – a origem deste tipo de combates não religiosa, encontra-se nos rituais funerários. Nos sacrifícios (humanos e de animais) o sangue *perit* para sacrificar a sede dos deuses, bem como dos arrependidos. Os jogos encontravam um divertimento popular que era considerado também um sacrifício. Todos os espetáculos seriam celebrados em dias de festa religiosa, sendo habitualmente precedidos do derrame de um “precioso” sangue que conduzia ao estado dos deuses pela mão de uma cidade: os sacrifícios, para que estas pudessem também assistir aos espetáculos.

10. POLITICS AND RELIGION IN THE GAMES OF ANCIENT ROME

The Games were a social ritual, both in the city of Rome and throughout the Empire, but they were also a political event. By sponsoring these shows, which were open to the whole population, the city magistrates could win the support of their voters. The games were thus an important means of political propaganda (“*perit* and *thor*”) – *perit* (or *thor*), used by the magistrates as well as by the emperor to win over the people. Games could also be organized in honour of the emperor, or to celebrate a military victory of the inauguration of a public monument.

The games, and particularly gladiatorial combats, also

had a religious significance, as they were meant to obtain divine favour. This type of contest has religious origins – it was linked to funeral rites. The spilled blood of humans and animals was believed to appease the gods, as well as the ancestors. The games were undertaken not just for the people, but also for the gods. These shows were held on religious feast days, and usually began with a procession (people marching through the arena carrying images of the deities until it reached the amphitheatre, thus ensuring that the gods also enjoyed the shows).

11. O IMPERADOR ANITIMETRES

Em 325 o imperador Constantino proibiu, na parte oriental do Império, os jogos de gladiadores por considerá-los – proibição decretada aparentemente para poupar os cidadãos. Mas os combates com homens livres, voluntários (muitos) ou escravos não foram proibidos. Só nos reinados de Teodósio IV o imperador Honorio proibiu formalmente os combates de gladiadores no Império Romano do ocidente. Segundo a tradição cristã, o último combate em Roma entre gladiadores teve lugar em 1 de janeiro de 404. Em alguns edifícios do Império os combates prosseguiram durante a primeira metade do século V. Mas no mesmo período estes combates terminaram em diversos locais. Em alguns edifícios nos séculos IV, V e VI passou a ser realizado em condições – locais de animais selvagens.



11



11

11. Antiochia (325).
Amphitheatre (2.º século).
11. século III (100 x 100 m).

11. Sebasteia (325).
Amphitheatre (2.º século).
11. século III (100 x 100 m).

11. THE END OF ANTIQUITIES

In 325 Constantine banned gladiatorial fights as punishment to the eastern part of the Empire, apparently to please Christians. But the combats between free men, volunteers (many), or slaves were not forbidden. A formal ban on gladiatorial combats in the West Roman Empire was only issued at the beginning of the fourth century by Honorius. The last gladiatorial fight in Rome was held on January 1st 404, according to Christian tradition. Some amphitheatres continued to hold contests throughout the first half of the fifth century, but most of them would have ceased to be used for that purpose during the fourth century. A few of them continued to stage revivals – wild beast hunts – throughout the fourth, fifth, and even in the sixth century.

11. O AMPITHEATRO DE BOBADILLA

O anfiteatro de Bobadilla, próximo ao vale construído quando em Roma, capital do Império, no século III. Era um anfiteatro relativamente pequeno, proporcional de acordo com o tamanho de cidade. Localizado em Bobadilla – esta capacidade para receber cerca de 1.000 espectadores.

A sua estrutura é de algum modo original: adaptase ao terreno e ergue-se sobre um alicerces construídos em pedras, fundado em rochedos e taboas em terra. A sua fachada exterior, voltada a sul, poderia atingir quase os 8 metros de altura. Os acessos à arena têm-se através de corredores largos abobadados e tendem a ser mais ou menos acurados.

A ornamentação do exterior do anfiteatro do Império, o anfiteatro romano de Bobadilla serviu de palco a combates de gladiadores e caçadas de animais selvagens. Está hoje desativado em parte por um incêndio nos finais do século IV. O seu abandono acompanhou o declínio da cidade romana.

11. THE BOBADILLA AMPHITHEATRE

The Bobadilla amphitheatre was presumably built at the time when the Roman Coliseum was being built, at the end of the first century. It was relatively small, in dimensions it accords with the size of the *ciudad* – it would seat about 1,000 people.

It has an original structure: it is well adapted to the terrain, with high structural stone walls, wood-benching and earth supporting slopes. Its outer external facade may have been as high as eight metres. The access to the arena would have been made through large vaulted passages and ramps because of the sharp difference of level.

Like other similar buildings throughout the Empire, the Roman amphitheatre in Bobadilla held gladiatorial fights and wild beast hunts. It is believed to have partially burned down at the end of the fourth century. Its decay mirrored the decay of the Roman city.

Bibliografia **Bibliography**
sobre Babalada Romana **on Roman Babalada**

ALARCÃO, Jorge de (1980): *O Desporto Romano em Portugal*. Tese de História. Publicação Europa-América, Lisboa, p. 421p, 30, 40x27, 74, 110, 194.

ALARCÃO, Jorge de (2002/2003): *A Spēvōdātōzina civitas de Babalada (Zabalada)*. In: 15-20. Museu Nacional de Arte Romana. Miraflores, p. 135-190.

ALARCÃO, Jorge de (2004): "Forma de organização, epigrafe e topografia – IV", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 1, p. 131-147.

ANACLETO, Ruijão (1993): *Babalada Epigráfica*. FFMJUL – Colégio Português de Arte e Turismo, Lda, Coimbra, p. 7-8, 9, 10, 12-13, 20, 22, 35, 45, 47, 65, 77-79 (instituição n.º 39, 78-79).

ANACLETO, Ruijão; BORGES, Nelson Correia de (1993): *Arte que e vestígio de Roma e não apenas*. *Journal de Arqueol.* n.º 25/45, 7 de maio, p. 5.

AMARAL, A. E. Maia (1987): *Contribuição Preliminar para o estudo de Babalada*. *Arqueologia*, n.º 5, Coimbra, p. 4, 6-8, 9, fig. 2, 10, 12-13, 16. Para II, 45p, 2.

AMARAL, A. E. Maia (1982): *Sobre Três Inscrições Encontradas em Babalada (Oficinas de Hospital)*. *Arqueologia*, n.º 21, Coimbra, p. 105, 106, 108, 111-112, 116, 121, 126.

CARVALHO, João C. (2009): *O interior norte de Lusitânia romana. Revisão, análise e exploração em termos de topografia*. *VI Tesouro de El Pardo (Pinar del Rio)*. *Procesos de cambio en el occidente de Hispania*. *Actas Cardillo y Lora*, p. 78, 79, 81-82.

CARVALHO, João C. (2008): *Guia de Arte: Diáspora e exploração de centros na época romana*. *Dietação de Documentação na área de História, especialidade de Arqueologia*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Professor Doutor Jorge de Alarcão. *Babalada de Lousa de Universidade de Coimbra*, p. 49-41, 61-67, 72-74, 78-85, 98-116, 118, 124-125.

CARREIRO, José Miguel Alves (2022): *Informações parciais de 1772, n.º 45*. *Babalada. Memórias do Arquivo da Universidade de Coimbra*.

CERTEIRA, Fernando Manuel Dias (1970): *Babalada – Perenidade de Alçada*. *Dietação de Licenciatura em Ciências Históricas*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, p. 9, 16-17, 27, 32-33, 40-56, 60, 67, 69-76, 75-78, 79, 80, 91, 97-98.

FRADÉ, Helena (2010): "Os Pisos de Babalada (Oficinas do Hospital) – da Cúrcia de Caldeirão (Freguesia de Santa Bárbara)", *Arqueol. e Territ. em Lousa*. *Revista*. *Stylus Lusitanus*, n.º 6, Miraflores, p. 224. *Revista* 3, 2, 190-231p, 1, 232-233, 235.

FRADÉ, Helena; PORTAS, Clara (1997): *Descoberta de um anfiteatro romano em Babalada*. *Oficinas do Hospital*. *Arqueologia* de Viana, 16. *Comuna Civil do Município de Viana*, p. 379-405.

FRADÉ, Helena; PORTAS, Clara (1992): *A descoberta do Anfiteatro Romano de Babalada*. *Revista do III Encontro Romano de Miraflores*. *Colóquio Interdisciplinar. II Anfiteatro em História Romana*. *Miraflores*, número 10, p. 349-357.

FRADÉ, Helena; GAITANO, José Carlos; PORTAS, Clara; MADEIRA, José Luís (1999): *Novas Descobertas de Urbanismo do Castelo Romano de Babalada*. *Separata dos Actos dos I Seminários de Arqueologia e Etnografia*. Vol. XXCV – *Actos do IV Seminário*, p. 221-229, 225. *Actos* II – fig. 2, 227-228.

GRIMES, Maria Yvonne; DIAS, Maria Manuela Alves (1999): *Arte Romana*. *Oficinas do Hospital*. *Arqueologia* de Viana, 16. *Comuna Civil do Município de Viana*, p. 91-98.

HERRERO, Juan (1932): *Trava de Bazar Babalada, antiguidades romanas – um pouco de sua história*. *Comuna de Argente*, Argente, *Actos* 32, n.º 1000, 13 de outubro, p. 6.

LOPES, Mª. Manuela Ferreira (1988): *Relatório do 1.º Congresso Arqueológico de Babalada*.

MADEIRA, José Luís de Sá; SILVA, João Maria de; CUNHA; BRANCO, Maria Gabriela Rodrigues; BARROS, Patrícia Cláudia; Monteiro de Sousa (1992/93): *Geometria Urbana e Arqueologia de Coimbra de Ofício de Hospital*. *Trabalho realizado no âmbito do disciplina de Arqueologia do curso de Ciências Históricas*.

MANSOAS, Vasco Gil (2002): "C. Cívica (Babalada) e sua epigrafe", *J. Cardus, Eborac. Religio de Litteris Logentis*. *Actos*, Lisboa, p. 232-235.

MENEZES, Manuel (1963): *Babalada – Trava de grande interesse arqueológico*. *Comuna de Argente*. *Argente*, *Actos* 63, n.º 2624, 7 de novembro, p. 1, 5-6.

M. B. (1981): *Programa Arqueológico do município de Ofício de Hospital*. *Notas para o Município Romano*. *Comuna de Argente*. *Argente*, *Actos* 61, n.º 2294, p. 6-7.

NEVES, Francisco Correia de (2010): *Arqueologia Rural – Casarão de Ofício de Hospital*. Edição do Município de Ofício de Hospital, 1.ª Edição, p. 7-55, 65-68, 117.

PORTAS, Mª. Clara (1982): *Relatório do 3.º Congresso Arqueológico de Babalada*. *Comuna Regional de Coimbra de Coimbra*.

PORTAS, Mª. Clara (1981): *Babalada*. *Excursão Arqueológica de 1982*. *Miraflores*. *Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, n.º 8, novembro, p. 32-54, 55, 58-73 (ilustr., 49-52).

PORTAS, Mª. Clara (1984): *Babalada*. *Excursão Arqueológica de 1983*. *Miraflores*. *Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, n.º 8, novembro, p. 41.

PORTAS, Mª. Clara (1981): "Anfiteatro Romano – Babalada", *Arqueologia*. *Comuna de Coimbra*. *Comuna Regional de Coimbra de Coimbra*. *Departamento de Arqueologia*. *Lousa*.

PORTAS, Mª. Clara (1983): "Anfiteatro Romano de Babalada. Ofício de Hospital". *Arqueologia*. *Comuna de Coimbra*. *Comuna Regional de Coimbra de Coimbra*. *Departamento de Arqueologia*. *Lousa*.

PORTAS, Mª. Clara; FERREZ, Mª. José (1981): *Relatório do 2.º Congresso Arqueológico de Babalada*. *Comuna Regional de Coimbra de Coimbra*.

PORTAS, Mª. Clara; FRADÉ, Mª. Helena Soares (1987): *Anfiteatro Romano de Babalada*. *Relatório do Encontro*. *Comuna de 1987*. *Comuna Regional de Coimbra de Coimbra*.

PORTAS, Mª. Clara; FRADÉ, Mª. Helena Soares (1986): *Anfiteatro Romano de Babalada*. *Relatório do Encontro*. *Comuna de 1986*. *Comuna Regional de Coimbra de Coimbra*.

PORTAS, Mª. Clara; FRADÉ, Mª. Helena Soares (1985): *Anfiteatro Romano de Babalada*. *Relatório do Encontro*. *Comuna de 1985*. *Comuna Regional de Coimbra de Coimbra*.

PORTAS, Mª. Clara; FRADÉ, Mª. Helena Soares (1984): *Anfiteatro Romano de Babalada*. *Relatório do Encontro*. *Comuna de 1984*. *Comuna Regional de Coimbra de Coimbra*.

BOUQUINHO, Pedro Pascoal; CRUZ, Rui (2011): *Síntese de Arqueologia no Castelo de Paredes – 2009/2011 de Arqueologia romana de Spēvōdātōzina Civitas de Babalada (Oficinas do Hospital)*. *Relatório Final*. *Comuna Regional de Coimbra de Coimbra*.

SARMENTO, Francisco Martins (1983): *Epigrafe Arqueológica e seu de Estudo em 1981*. *Série de Arqueologia*. *Lousa*, p. 11-21, 27.

SILVEIRA, António Luís de Sousa Henriques (1955): *Oficinas do Hospital em Coimbra, vestígio histórico-geográfico de um alarce romano de alarce urbanístico de Coimbra*. *Comuna*. *Imprensa da Universidade*, p. 26, 101 e 105-106, 115.

SILVA-ABRANTES, J.C. (1982): *Arqueologia Arqueológica de Ofício de Hospital*. *Comuna*. *Vol. 4*. *Comuna de História da Universidade de Lisboa*, p. 23.

ALIXA, Rui M. (2014): *Babalada em Época Romana: Cidade e Território Pré-urbano*. *Dietação de Mestrado em Arqueologia e Território*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

VASCONCELOS, António (1932): *Actos Gerais de Miraflores, Estado de Arqueologia Urbana*. *Instituto de Ciências Históricas e Filológicas*. *Imprensa da Universidade*. Coimbra, p. 144-145, 147.

VASCONCELOS, António (1996): *Actos Gerais de Miraflores. Estado de Arqueologia Urbana*. *Comuna de Coimbra*. *Faculdade de Letras e a apresentação de José V. de Pina Martins*. Edição Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, p. 146.

VASCONCELOS, José Leite de (1986): "Babalada (Bazar)", *Arqueologia Portuguesa*. *Colóquio Interdisciplinar de Miraflores e Viana*. Vol. II. Lisboa. *Imprensa Nacional*, p. 311.

VASCONCELOS, José Leite de (1987): "Babalada (Bazar)", *Arqueologia Portuguesa*. *Colóquio Interdisciplinar de Miraflores e Viana*. Vol. III. Lisboa. *Imprensa Nacional*, p. 221-222.

VASCONCELOS, José Leite de (1981): "Actos romanos de Babalada", *Arqueologia Portuguesa*. Vol. VI. *Imprensa Nacional*. Lisboa, p. 57.

VILAÇA, Rafael (2008): *Arqueologia de Arte: Pré-História e Proto-História*. *Tese de Mestrado*. Coimbra, p. 31, 33, 34 – fig. 11 – p. 35, 66, 71-72, fig. 28, 78, 81.

VILAÇA, R. (1999): *Arqueologia de Arte: Arte e Território (Arte e Território)*. *Actos do Encontro de Arte e Território*. *Arqueologia*, n.º 9, Volume 1. *Instituto de Património Arqueológico e Arqueológico*. Lisboa, p. 25-38, 90-125.

Bibliografia **Bibliography**
sobre Anfiteatros **about Amphitheatres**
e Gladiadores **and Gladiators**

MUGENTH, Domenico (2001): *Spettacoli del Colosseo nella Civiltà degli Antichi*. Ed. L'Erma di Bretschneider, Roma.

COUDIN, Jean-Clément (1888): *L'Amphithéâtre romain*. *Essai sur les débris de ce forum et de ses environs*. 2 vol., Paris.

GHISLAI, Piero (1984): *A Civiltà Romana*. *Luogo di História* 34. Edições 78.

GROS, Pierre (1996): *Architecture romaine de l'époque de l'Empire*. *J. C. de la fin de l'Empire*. *J. C. Les monuments publics*. Ed. Picard, Paris.

JACOBELLI, Luciano (2003): *Gladiatori e Pompei protagonisti*. *Luogo*. *Immagini*. Ed. CLUEB di Brescia/Lecco. Roma.

PANTUCCI, Maurizio (2016): "El final de los Romanos en Venecia en Ladinia". *A Ladinia*. *Essays Romanas e Romanas*. *Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. Coimbra/Miraflores, p. 121-149.

VEYNE, Paul (1995): *Le pain et le cirque*. *Sociologie historique d'un spectacle public*. Paris.

AGRADECIMENTOS – ACKNOWLEDGMENT

As Mestradas de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Direcção Regional de Coimbra de Coimbra – Coimbra Romanas (Direcção Regional de Coimbra) e ao Centro de Estudos de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra.

As mestradas de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

As mestradas de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).

A Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra, em particular a Mestrada de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Coimbra (Oficinas de Hospital).